

## APRESENTAÇÃO

### Polonização Cruzada: Literatura, Jornalismo, Jornalismo Literário

Em 1957, o escritor anglo-australiano Nevil Shute publicou um romance em que imagina um mundo pós-apocalíptico devastado por deflagrações nucleares cujas consequências letais se espalham gradualmente sob a forma de uma nuvem radioactiva cuja chegada inexorável, no seu recanto do globo, as personagens aguardam entre a desesperança e a resignação. Perto do final de *On the Beach*, duas das figuras centrais da obra questionam-se acerca do modo pelo qual foi possível ter-se atingido essa situação. A memória dos factos recentes é já nebulosa. Mary mal se recorda de como tudo começou, talvez por exhibir os graves sintomas da sua doença terminal. Peter – mas sem que o leitor possa estar seguro da verdade dessa recordação – diz que se tratou de uma qualquer disputa em torno da Albânia, e que depois vieram as bombas de ingleses, russos, chineses e outros, todos almejando uma destruição sem limites. E poder-se-ia ter feito alguma coisa para o evitar? Talvez não, entende Peter, se estamos a falar daquela loucura coletiva que arrasta os povos para o abismo nacionalista: “if a couple of hundred million people all decide that their national honour requires them to drop cobalt bombs upon their neighbour, well, there’s not much that you and I can do about it” (Shute 2009: 301). Ou então, como alternativa a abdicar de intervir, poder-se-ia ter tentado a educação, ainda que, como objecta Mary, por essa altura já todos os visados tivessem deixado a escola:

“Newspapers”, he said. “You could have done something with newspapers. We didn’t do it. No nation did, because we were all too silly. We liked our newspapers with pictures of beach girls and headlines about cases of indecent assault, and no Government was wise enough to stop us having them that way. But something might have been done with newspapers, if we’d been wise enough.” (*idem*: 302)

É demasiado tarde, agora, para que a Humanidade se salve – ou, pelo menos, para que se salvem aqueles que o romance nos apresenta, nas costas e imensidões da Austrália. Aliás, se era apenas nos jornais que se podia depositar a esperança, agora já nem jornais existem, a tal ponto se deslaçou a civilização que ainda, e de balde, sobrevive.

Nestes derradeiros lances, de um dramatismo pungente, *On the Beach* enuncia uma tensão que não é estranha ao tema do nosso dossier temático. Por um lado, tomando como veículo uma obra de literatura, o autor reconhece o poder do jornalismo como força social, intelectual e moral – pois o contraponto da “tolice” à “sabedoria” abarca todas essas dimensões –, e, por conseguinte, atribui ao (bom) jornalismo uma dupla responsabilidade que consiste em prestar testemunho do real e em alertar para o imperativo de moldar essa mesma realidade. Por outro

lado, o romance parece assumir o discurso literário como lugar altivo do qual se pode arrogar um juízo sobre o jornalismo gratuito, negligente ou alienador, como atividade que se absteve do cumprimento da sua missão, para prejuízo insanável do ser humano e do planeta. Tratando-se de uma realidade suposta, produto de um exercício ficcional, nem por isso se lhe subtrai o caráter de libelo dirigido a uma conformação cultural que os autores da chamada literatura têm muitas vezes encarado com marcada ambivalência.

Na verdade, a literatura e o jornalismo interseccionam-se de muitas maneiras distintas. Na sua produção e circulação, partilham aspetos que se prendem com um conjunto de tecnologias que têm em comum, e que vão da própria linguagem verbal aos recursos materiais da comunicação manuscrita, impressa e digital. Ao longo dos séculos, muitos autores literários têm sido jornalistas profissionais e aprendido com este ofício – e vice-versa (em rigor, houve tempo em que o jornalismo não se encontrava do lado de fora da fronteira da literatura, antes dentro do seu perímetro, à semelhança de outros ofícios do pensar e da palavra que também vieram a autonomizar-se). As publicações periódicas oferecem informação regular sobre a atividade literária, mesmo quando esta não constitui o seu objeto principal, e há diversas que se especializam no acompanhamento da escrita literária recente ou mais antiga por meio de recensões críticas, entrevistas, etc. Ao mesmo tempo, o jornalismo literário, entendido como um género específico de narrativa não-ficcional longa, ou jornalismo escrito com laivos de literatura, ganhou lugar de destaque e constituiu um cânone de autores reconhecidos, ganhando mesmo um Nobel na pessoa de Svetlana Alexievich.

O presente número de *Cadernos de Literatura Comparada* concentra-se nas ligações entre literatura e jornalismo a partir de uma perspetiva internacional e plurivocal, concedendo particular atenção, precisamente, num primeiro conjunto de artigos, ao jornalismo literário concebido nos termos mencionados. Desta feita, o número inaugura-se com uma ilustração primordial da polinização cruzada entre jornalismo e literatura. Em “Nas Raízes do Jornalismo Literário: Números Escolhidos de *The Spectator* (Londres, 1711-1714)”, Jorge Bastos da Silva procede ao recuo à génese matricial do jornalismo literário mediante a tradução teorizada de artigos de *The Spectator*. Neste proto-jornalismo literário já se observam as características que teóricos dos séculos XX e XXI atribuem ao jornalismo literário: a não-neutralidade discursiva do emissor/observador do facto noticiado, o uso de instrumentos retóricos literários, a busca da verdade mas não de uma Verdade unívoca, ou a composição de personagens (Wolfe e Johnson 1973; Hartsock 2000; Sims 2007). É num jornalismo literário plenamente concretizado que Rita Amorim e Raquel Baltazar localizam a *praxis* jornalística de Isabel Nery, sobretudo no tocante ao seu trabalho de investigação sobre a vida de reclusas com filhos no sistema prisional português. “*The Prisoners, Mothers Behind Bars* by Isabel Nery: Portuguese Literary Journalism at Its Best” analisa, na ancoragem teórico-conceptual do jornalismo literário, uma grande reportagem ao quotidiano escondido de mães prisioneiras que é, assim, trazido à esfera mediática e à luz do conhecimento público. Aliás, reportagem é, se não sinónimo, pelo menos, uma das materializações do jornalismo literário (Soares 2021) e é também sob a ótica da reportagem que John Bak escrutina o jornalismo de guerra de Tennessee Williams em “A Reporter Without

Borders: Tennessee Williams's Literary 'War' Journalism, 1928". Aliás, mormente conhecido pela obra dramática, incluindo *A Streetcar Named Desire* (1947) ou *Cat on a Hot Tin Roof* (1955), Williams repete, como anteriormente Charles Dickens ou Eça de Queirós, o padrão do jornalista literário proveniente dos campos da literatura e cujo jornalismo é por ela polinizado.

Se o jornalismo literário é uma área híbrida alojada na confluência do jornalismo e da literatura, Christopher Wilson reconhece-lhe flexibilidade de fronteiras em "Explaining Michael Lewis: Literary Form and Behavioural Economics in *The Undoing Project* (2017)" para se focar no jornalismo "explicativo" de Michael Lewis, o jornalismo que traduz para o público leigo o discurso complexo da(s) Ciência(s). Também sob o mote da plasticidade fronteira do jornalismo literário, Alice Donat Trindade aborda a cronística do jornalista angolano Luís Fernando em "Os Lugares na Obra Jornalística e Literária de Luís Fernando: *Crônicas e Silêncio na Aldeia*" tendo em mente que, tal como a reportagem, a crónica se alberga dentro das delimitações do jornalismo literário, sendo, ademais, uma construção distintiva do jornalismo ibero-latino-americano (Galindo e Naranjo 2016). Continuando no lastro do jornalismo literário em português, ao qual se junta o espanhol, línguas internacionais predominantes do Sul global, em "Considerações Sobre o Olhar no Jornalismo Literário", Diogo de Hollanda tece uma panorâmica contemporânea focada na importância atribuída à observação, pelo prisma subjetivo-pessoal do Eu, nos livros das jornalistas literárias Eliane Brum (Brasil) e Leila Guerriero e Selva Almada (Argentina). Esta observação é, aliás, o que permite ao jornalismo literário a sua polivocalidade e a destrinça da verdade noticiosa face à Verdade incontestada e/ou unívoca a que acima se aludiu.

O horizonte dos restantes artigos desenha-se de acordo com estas coordenadas e amplia-se em diversas direcções. Julieta Viú Adagio, em "De qué hablamos cuando hablamos de crónica contemporânea en América Latina", foca, dentro do "Periodismo narrativo", uma série de autores que se dedicam à crónica breve, numa conjugação entre a literatura e o jornalismo. Andréia Guerini e Ingrid Bignardi, em "Leopardi nas Crônicas Jornalísticas Brasileiras de 1881 a 1916", centram-se na "crónica" como um dos instrumentos, no Brasil, para divulgação de autores estrangeiros como o caso do autor italiano Giacomo Leopardi (1798-1837), objecto de 12 "crônicas". Ionã Carqueijo Scarante, por seu turno, no estudo "Entre a Literatura e o Jornalismo: Itinerários do Escritor Baiano Anísio Melhor (1885-1955)", traça o perfil de um autor cuja obra realiza exemplarmente o cruzamento de géneros e processos que associamos aos dois domínios da escrita em análise. Continuando na apresentação de estudos brasileiros, Letícia Gonzaga Chacon e Priscila Renata Gimenez, em "As 'Vanguardas Futuristas' Brasileiras: O Embate Literário nos Periódicos dos Anos 1920", concentram-se na relação entre os jornais do início do século XX e o "Movimento Modernista", mostrando como a imprensa periódica contribuiu para a propagação do ideário democrático. Focam sobretudo o período da Semana da Arte Moderna. Daniel Castello Branco Ciarlini, em "Horizontes Comerciais, Políticos e Literários na Imprensa de Floriano entre os Anos de 1902 e 1921", analisa a imprensa da cidade de Floriano, dando conta das mudanças de hábitos das suas populações, que começam a enfrentar transformações novas, nomeadamente através das actividades do Partido Republicano. Dá-se

conta também da vida literária e cultural na cidade. Ficando na mesma área temporal, Rafael Rodrigo Ferreira, em “O Jornalismo de Sylvio Floreal em *A Coragem de Amar*: Texto, Contexto e Pretextos”, tem em conta a obra de Sylvio Floreal (1893-1928), autor que tenta singrar na área das letras num momento de forte evolução social e industrial da cidade de São Paulo. No romance em questão assiste-se ao diálogo entre os diferentes discursos dominantes, em especial com os discursos sobre a modernidade.

Mudando de espaço geográfico, o leitor tem a oportunidade de conhecer algo vindo da Roménia, onde Carmen Neamțu, em “Genres of Cultural Review: Theater”, analisa, através da sua prática de jornalismo crítico, a necessidade de um equilíbrio entre a informação e o comentário. A autora faz notar também as diferenças estilísticas entre este tipo de crítica e a linguagem jornalística, em geral. A questão da pluralidade das linguagens encontra-se ainda no centro do artigo de Roberto Laghi “Fiction, Science, Journalism: Hybrid Narrative Paths for Our Challenging Present”, que sublinha o papel de um trabalho (crítico) sobre a língua na sua ligação com formas híbridas de narração que entende assumirem relevo no Antropoceno. A identidade das formas alia-se à identidade das gentes no artigo de Marta Fossati “Journalism and the Black Short Story in English in Twentieth-Century South Africa: From R. R. Dhlomo to Miriam Tlali”, que descreve a importância que teve para os autores negros sul-africanos anglófonos a aliança entre a escrita jornalística e o género do conto. Mais uma vez a questão do hibridismo surge como aspecto de relevo. Numa perspectiva diversa, Pedro Réquio examina um periódico de cariz oposicionista em “Da Criação Literária Universitária como Contra-hegemonia ao Estado Novo: O Caso da *Via Latina* (1958-1962)”. Esta sequência encerra com o artigo de Breno Góes, “O Centenário de Eça de Queirós na Imprensa”, que fala do que a imprensa portuguesa escreveu aquando do primeiro centenário do nascimento de Eça de Queirós, em pleno contexto ditatorial, aproveitando-se a ocasião para debates que, de outro modo, estariam impossibilitados.

Incluem-se ainda neste *dossier* depoimentos de Arnaldo Saraiva, Fernando Guimarães e Nassaete Miranda, amavelmente prestados em resposta a um convite endereçado aos autores. Pareceu aos organizadores que um dossier subordinado ao tema *Polinização Cruzada: Literatura, Jornalismo, Jornalismo Literário* surgiria enriquecido com testemunhos pessoais relativos à experiência vivida de colaboração e, de modo especial, de direcção de publicações periódicas não estritamente académicas nem estritamente jornalísticas, isto é, que combinassem o ensaio, a revisão crítica, a notícia de novidades literárias e a divulgação do livro e a promoção da leitura, com escrita original, traduções, entrevistas, etc. Os testemunhos que aqui se incluem são menos numerosos do que aqueles que originalmente almejámos, mas a sua relevância para a constituição de uma memória (presente e) futura das “polinizações cruzadas” é inegável.

Como é habitual, este número da revista inclui também artigos de uma índole diferente do *dossier* temático. Carolina Barbosa Lima e Santos e Andre Rezende Benatti, em “Memória e Resistência: A Ditadura Brasileira em *K. – Relato de uma Busca*, de Bernardo Kucinski”, analisam este relato que tenta trazer à memória a ditadura militar brasileira depois de 1964, neste caso em particular na procura de um pai pela sua filha, desaparecida em 1974. Num registo

muito diferente, Maria Dulce Soares, em “Gonçalo Cadilhe nos trilhos de Santo António em Portugal: Intimidades de um Olhar em *Por Este Reino Acima*”, percorre com o autor diferentes etapas da vida do Santo, repetidas por este conhecido viajante-cronista. André Luís Valadares de Aquino explora conexões possíveis entre a obra poética de Carlos Drummond de Andrade e a de Max Martins no estudo “O cavo amor e seus ruídos”.

Por fim, e como habitual também, a presente edição conclui-se com uma secção para recensões. No caso presente, Marta Soares oferece-nos uma panorâmica de *Coisas de Loucos: O Que Eles Deixaram no Manicómio* de Catarina Gomes, publicado em 2020 pela Tinta da China; Joana Caetano analisa *Homo Irrealis*, colectânea de ensaios de André Aciman editada pela Faber & Faber já no ano em curso; e José Eduardo Reis reflete sobre o tríptico narrativo de Teolinda Gersão *O regresso de Júlia Mann a Paraty*.

Esperamos que estes textos possam ser interessantes marcos para outras viagens por espaços e tempos diferentes.

Gonçalo Vilas-Boas  
Isabel Soares  
Jorge Bastos da Silva

## Bibliografia

- Galindo, Juan Antonio García, e Naranjo, Antonio Cuartero (2016), “La crónica en el periodismo narrativo en español”. *Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia*, vol. 23, n.º supl., <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24926/14861>, acedido em 15 de junho de 2021.
- Hartsock, John C. (2000), *A History of American Literary Journalism: The Emergence of a Narrative Form*. Amherst, Massachusetts University Press.
- Shute, Nevil (2009), *On the Beach*. London, Vintage.
- Sims, Norman (2007), *True Stories: A Century of Literary Journalism*. Evanston, Northwestern University Press.
- Soares, Isabel (2021), “A Reportagem e o Jornalismo Literário”, in Pedro Coelho, Ana Isabel Reis e Luís Bonixe (orgs.), *Manual de Reportagem*. Covilhã, LabCom, pp. 57-76.
- Wolfe, Tom, e Johnson, E. W. (1973), *The New Journalism: With an Anthology*. Nova Iorque e Londres, Harper & Row.